

Ovinocultura na mira de investidores

O maior interesse do brasileiro pelo consumo de carne de cordeiro, aliado à baixa nas importações uruguaias e à falta do produto nas gôndolas, vem estimulando a ovinocultura em todo País. Com a elevação dos preços pagos pelo quilo do animal, observa-se certa movimentação no mercado, com criadores consolidando projetos para se tornarem mais rentáveis



MURILLO GÓES

Fazendas no Amazonas, São Paulo e Goiás investem na criação de ovinos, que mostra demanda crescente de mercado

O Brasil concentra um rebanho de 16 milhões de ovinos, mas, segundo o IBGE, a quantidade é insuficiente para atender o consumo interno. Até pouco tempo, os produtores enfrentavam amarga concorrência externa, principalmente do Uruguai, de onde era importada mais de 80% da carne de cordeiro consumida no Brasil. Depois que

conquistou mercados de melhor remuneração, o país vizinho redirecionou grande parte de sua produção, abrindo uma enorme lacuna no mercado brasileiro.

Para se ter ideia do potencial da ovinocultura, o Brasil precisaria chegar a 100 milhões de cabeças para tentar se aproximar do que é hoje a bovinocultura de corte, produção que

sustentaria um consumo de forma regular o ano todo, sem sobressaltos, como informa Paulo Schwab, presidente da Associação Brasileira de Criadores de Ovinos (ARCO). Já Lucas Heymeyer, da Dorper Campo Verde, de Jarinu (SP), estima que o consumo *per capita* de carne de cordeiro gira em torno de 400 gramas por habitante, estatística que poderia ser bem

diferente se houvesse produção em escala. “Hoje há uma agitação no mercado do cordeiro, algo facilmente observado nos preços pagos pela indústria em todo o país. Os produtores estão experimentando preços nunca vistos, o que deve estimular a produção em escala e a organização da cadeia produtiva, dando início a uma fase de transformação na ovinocultura brasileira”, avalia o gerente.

Grande demanda

Observando este cenário, produtores de todo país tentam se estruturar para atender à grande demanda. No Amazonas, por exemplo, projetos como o da Amazônia Ovinos, do criador Demilço Valdemar Vivian, em Manaus (AM), estão investindo na ampliação e na qualidade do rebanho. “Quando o Uruguai dominava a maior parte desse mercado, tínhamos de ser competitivos, algo impraticável pela diferença dos custos de produção entre os dois países. O cenário está se modificando aos poucos, inclusive aqui no Amazonas, devido à grande demanda de consumidores”, afirma Renato Rigoni Júnior, médico-veteri-

nário e gerente da propriedade.

Em um primeiro instante, a Amazônia Ovinos pretende abocanhar uma fatia desse mercado com produção *in natura*, tendo em vista que toda a carne que vem de fora é congelada. “Estamos montando uma boa base genética, com foco na fertilidade, habilidade materna e precocidade para fazer bons produtos de origem amazônica. A carne de cordeiro tem excelente aceitação, principalmente por causa da migração de muitos nordestinos para o Estado, que têm o hábito de consumir cordeiro e seus subprodutos, como a famosa “buchada”. Temos de oferecer carne resfriada, mais natural possível, algo impossível para nossos vizinhos fornecerem”, explica o médico veterinário Renato Rigoni Júnior.

A propriedade concentra um rebanho de 900 animais das raças Dorper e Santa Inês, projeto que deve se estabilizar com 1.200 matrizes até o final de 2012. Os produtores buscam constantemente animais melhorados e investem no manejo sanitário do rebanho para evitar possíveis enfer-

midades, como a resistência à verminose e a pododermatite. Esta última é uma doença infecciosa e contagiosa, que afeta os cascos dos animais, causa estresse e emagrecimento progressivo. “Também fornecemos material genético a pequenos produtores para que consigam produzir com o mesmo padrão de qualidade. Além disso, almejamos o mercado externo, com negociações na Venezuela e Colômbia, pela logística privilegiada, com acesso rodoviário pelo Amazonas e Roraima”, esclarece Renato Júnior.

A ovinocultura é uma ótima opção de investimento no Estado, principalmente devido às novas leis ambientais que determinam a preservação de 80% das áreas destinadas à atividade, que são pequenas, e não há incentivo para a bovinocultura de corte. Em breve a região contará com um frigorífico especializado no abate de ovinos, que espera por aprovação de verbas.

Criadores em busca de mais rentabilidade

Com um plantel de 1.500 animais, a Campo Verde mira seus investimen-



Mercado favorável pode estimular produção em escala comercial

tos no mercado genético, com um programa de seleção dedicado aos ovinos sul-africanos Dorper e White Dorper. Segundo Heymeyer, esses animais atendem ao mercado, principalmente se tratando de rusticidade, conversão alimentar, rendimento de carcaça, ganho de peso, fertilidade e precocidade. A propriedade iniciou suas atividades em 2006 e hoje detém a maior reserva genética dessas raças no País, com mais de 5.000 embriões importados. “O Dorper e o White Dorper respondem muito bem às condições de criação no Brasil. Existe forte demanda para essas raças, com grande valorização para animais de elite e também reprodutores e matrizes comerciais”, relata.

Novas áreas começam a aderir à atividade

Criador de ovinos de corte há três anos, com propriedade em Santa Salete (SP), Sebastião Pires Cunha recentemente deu início a um projeto inovador para aumentar a oferta de animais para abate, que prevê a concentração de 200 matrizes na propriedade. Quando iniciou sua criação, tinha pouco conhecimento sobre as exigências dos ovinos: simplesmente os comprava e soltava no pasto sem nenhum controle. Hoje sua realidade é muito diferente. “Com apoio de empresas já consolidadas, me profissionalizei e passei a investir em genética e em tecnologias para agregar valor ao produto final”, explica Cunha, ressaltando que deveria existir uma diferenciação de preço para animais de qualidade superior. “Hoje, muita gente vende animais velhos como se fossem cordeiros”, complementa. Em busca de maior lucratividade, o criador está investindo na formação de um confinamento para 1.200 animais.


Até mesmo em regiões tipicamente dedicadas a outras atividades pecuárias, como a bovinocultura de corte, a ovinocultura vem se firmando como empreendimento. Em Goiás, por exemplo, a Cava Cordeiro vem desenvolvendo um projeto audacioso para fornecer carne de qualidade ao mercado. A empresa processa e comercializa a própria produção no varejo, oferecendo 20 cortes especiais, além

de peças temperadas e embutidos, como linguiça e hambúrguer. “Em Goiás não existia uma cadeia produtiva, então tivemos de criar nossa própria indústria para sobreviver na atividade”, afirma André Luís Rocha, técnico da Cava Cordeiro.

A empresa trabalha em parceria com outros criadores da região em busca de maior produção, que recebem os mesmos preços de São Paulo, um dos mais altos em todas as praças. O projeto visa à produção de cordeiros precoces, com rendimento de carcaça superior a 48%, provenientes de acasalamentos com reprodutores Dorper e White Dorper, abatidos ainda jovens, com até 6 meses de idade, e média de 35 quilos de peso vivo. “Hoje, muitos criadores até têm volume, mas falta qualidade. Essa é uma de nossas principais preocupações dentro do processo de criação. A falta de mão-de-obra especializada e tecnificação por parte de muitos criadores, aliado ao amadorismo, são alguns dos principais entraves que impedem o desenvolvimento da ovinocultura de corte”, lamenta Rocha.

A propriedade também está prosperando na seleção genética, uma das pontas do projeto, ofertando animais de maior carga genética. Até o final de 2012 a propriedade deve chegar a 1.200 matrizes de corte.

Paladar sofisticado

Atuando em outra faceta do mercado da ovinocultura, Leandro Motta, o dono de uma *rotisserie* em Itatiba (SP), relata que muitas pessoas que tinham resistência à carne de cordeiro estão se surpreendendo com seu sabor acentuado. Em seu estabelecimento, incluiu no cardápio receitas sofisticadas à base de cordeiro, mas não tem conseguido dar conta da demanda. “Algumas vezes até deixamos de vender por falta de matéria-prima”, relata Motta. Para atender aos padrões de qualidade dos clientes, toda a carne comercializada em seu estabelecimento provém de um frigorífico homologado com o selo do Serviço de Inspeção Federal (SIF), onde são obtidos somente animais de fazendas que trabalham com a raça Dorper. 

ADILSON RODRIGUES

Abate Clandestino. Até Quando?

PAULO A. SCHWAB

PRESIDENTE DA ARCO-ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CRIADORES DE OVINOS

Várias doenças podem acometer os seres humanos pela ingestão de carnes não inspecionadas que sejam portadoras de doenças

Noventa por cento dos abates de ovinos são feitos sem fiscalização sanitária. Esse número não está em nenhuma estatística oficial. É uma estimativa, um sentimento de todos que atuam no setor. Um número destes ou mesmo próximo é assustador para quem quer estabelecer um processo contínuo de produção de carne e também atender a um mercado consumidor em crescimento. É um número alarmante porque mostra o quanto as estruturas oficiais de fiscalização estão longe de conseguir terminar com este problema, ou mesmo controlá-lo a ponto de diminuir sua incidência. E o mais chocante é que este é um problema de alcance nacional.

Sabemos que é uma luta difícil, de grande trabalho para todos. Até porque, às vezes, o processo começa no momento da comercialização do produto. Frequentemente, o produtor de cordeiro recebe oferta para seu produto com valor bem superior ao do frigorífico, com pagamento à vista, não importando se serão dez ou cinco animais. O abatedouro, com todas as suas responsabilidades e custos, não consegue competir em preço neste mercado, gerando, então, este problema do abate clandestino. Um cenário que precisamos mudar, de qualquer jeito.



ARCO

A inspeção sanitária é essencial para comercialização da carne de cordeiro

Consequências à saúde humana

Dentre as consequências do abate clandestino estão os riscos à saúde humana. Uma das principais enfermidades dos animais domésticos encontradas pela inspeção sanitária em matadouros, é a tuberculose, uma doença bacteriana que pode ser transmitida pela ingestão de carnes. Existem ainda as doenças parasitárias, como as cisticercoses, que podem transmitir as tênia para o ser humano e, também, cisticercos que se alojam no músculo e órgãos. Outras enfermidades são transmissíveis ao homem via animais como as toxi-infecções e a hidatidose. Todas são evitadas quando a fiscalização detecta o problema dentro dos frigoríficos e abatedouros com inspeção sanitária oficial.

A Associação Brasileira de Criadores de Ovinos-ARCO é uma entidade

que busca de várias formas organizar a cadeia produtiva da ovinocultura e luta por este objetivo. Devemos ter claro quais são os principais entraves que impedem o crescimento sustentado do setor. Sabemos que o abate clandestino é uma destas barreiras. Ele afeta também a cadeia bovina é responsável por graves prejuízos para todos. O complicador desta questão é que ela é uma atividade silenciosa, onde nem sempre se consegue encontrar os causadores. Mas acredito que já é hora de realmente discutirmos com seriedade este problema, com todas as forças da sociedade. Porque, isoladamente, não vamos longe. Precisamos definir as soluções práticas existentes e, realmente, passarmos a agir para resolver o abate clandestino, de uma vez por todas. Já não dá mais para protelar. A hora é agora!

Novas tecnologias para coleta de embriões em caprinos e ovinos

Equipamentos desenvolvidos dispensam intervenção cirúrgica no processo de coleta



EMBRAPA GADO DE LEITE

Circuito que trabalha junto com a sonda para coletar embriões em pequenos ruminantes

Dois novos equipamentos para coletar embriões em pequenos ruminantes foram desenvolvidas pela Embrapa Caprinos e Ovinos em parceria com a Embrapa Gado de Leite.

Os equipamentos são um circuito e uma sonda que trabalham em conjunto na coleta de embriões pela via transcervical de caprinos e ovinos. O pesquisador Jeferson Ferreira da Fonseca, um dos inventores dos equipamentos, explica que o circuito e a sonda tornarão mais eficaz a coleta de embriões pela via transcervical. Neste método, os animais não passam por intervenção cirúrgica, o que ocorre nos métodos tradicionais.

Características anatômicas

O circuito e a sonda foram desenvolvidos respeitando as características anatômicas de pequenos ruminantes, especialmente cabras e ovelhas. “Além de promover maior bem estar, evitando sequelas físicas para os animais, o processo permite o aumento na taxa de recuperação de embriões, além de maior eficiência, controle e segurança na coleta”, diz Fonseca.

Segundo o pesquisador, a caprinocultura e ovinocultura brasileira passam por um sensível crescimento. No entanto, o mercado carece de produtos tecnológicos para aprimorar a produção animal. Atualmente a coleta de embriões nestes animais utiliza materiais adaptados de outras espécies. “Equipamentos específicos para as características anatômicas de pequenos ruminantes podem consolidar a coleta de embriões pela via transservical. Este é um mercado promissor a ser explorado”, afirma Fonseca.

Os dois equipamentos já estão protegidos pelo Instituto Nacional da Propriedade Industrial (INPI). Agora, o objetivo da Embrapa é atrair empresas do ramo de insumos para reprodução interessadas em produzir e comercializar estes equipamentos.

Outras informações sobre as tecnologias podem ser obtidas junto à Embrapa por meio dos e-mails: negocios@cnpgl.embrapa.br ou chtt@cnpc.embrapa.br.

RUBENS NEIVA - EMBRAPA GADO DE LEITE